

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

YASMIM DE MIRANDA GARCIA

VAMOS FALAR SOBRE MÚSICA?

MATINHOS

2018

YASMIM DE MIRANDA GARCIA

VAMOS FALAR SOBRE MÚSICA?

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Artes da
Universidade Federal do Paraná
como requisito à obtenção do título
de obtenção do grau de Graduação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Carla Beatriz
Franco Ruschmann.

MATINHOS, 2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

YASMIM DE MIRANDA GARCIA

VAMOS FALAR SOBRE MÚSICA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de obtenção do grau de Graduação

Orientadora:

Prof^a. Dr^a Carla Ruschmann

Prof^o Dr^o Alaor de Carvalho

Prof^a Dr^a Fernanda Fausto de Almeida

RESUMO

Este presente trabalho propõe abordar algumas das importâncias de desenvolver a música no processo de desenvolvimento das capacidades cognitivas do feto em relação ao som, pois ainda no útero é denominado feto, e da música no processo de educação infantil não formal, visto que relatarei minhas experiências como mãe, violinista e educadora.

O texto cita autores como Vygotsky e Piaget, importantes e renomados pesquisadores na área do desenvolvimento da linguagem e do pensamento infantil e Shinichi Suzuki, importante violinista e pedagogo, criador do Método Suzuki que introduz a musicalização infantil com abordagens de aprendizagem semelhantes ao processo de aprendizado da linguagem materna. No texto relato minha experiência como mãe, pois tenho uma filha que passou e ainda passa pelas fases de desenvolvimento teorizadas por Piaget e Vygotsky.

Como educadora, por ter mediado como voluntária um projeto para experiência do processo musical infantil na educação não formal e musicista, pois aprendi violino com o Método Suzuki e faço mediações de música para minha filha.

Palavras-chave: Linguagem materna, desenvolvimento cognitivo, música.

ABSTRACT

This paper proposes to address some of the importance of developing music in the process of developing the cognitive abilities of the fetus in relation to sound, since it is still called the fetus in the womb, and music in the non formal education process, since I will relate my experiences as a mother, violinist and educator. The text quotes authors such as Vygotsky and Piaget, important and renowned researchers in the field of language development and children's thinking, and Shinichi Suzuki, an important violinist and pedagogue, creator of the Suzuki Method that introduces children's musicalization with learning approaches similar to the learning process of mother tongue. In the text I report my experience as a mother, because I have a daughter who has passed and still goes through the stages of development theorized by Piaget and Vygotsky. As an educator, for having volunteered a project to experience the children's musical process in non-formal education and music, because I learned violin using the Suzuki Method and make music mediations for my daughter. Keywords: Mother tongue, cognitive development, music.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 VAMOS FALAR SOBRE MÚSICA.....	08
2.1 AULAS.....	16
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
4 REFERÊNCIAS.....	21

INTRODUÇÃO

Recentemente, tem-se discutido a necessidade, a finalidade e a importância de música na Escola e na vida da criança. A preocupação em como essa música será e esta sendo incorporada a grade curricular dos estudantes ou na vida dessas crianças se faz necessário para uma discussão e fomentação de ideias, valores e aspectos sociais de um ensino musical qualitativo que priorize o processo de desenvolvimento humano.

Este artigo de relato de experiência intitulado “Vamos falar sobre música?” aborda a importância de um conhecimento musical dos responsáveis e mediadores da criança para que seja oferecido a essa criança um variado repertório musical tanto no contexto de educação, quanto no contexto familiar. Esse processo introdutório da música deve ser mediado o quanto antes para uma melhor reciprocidade, conhecimento, informação e aceitação da criança a essa linguagem que se faz de grande relevância para um desenvolvimento e equilíbrio do ser humano.

Com base na importância de um ensino musical de qualidade e que respeite a criança, apresento algumas questões, informações, sugestões e propostas em como mediar à criança neste processo com experiências minhas como mãe, educadora, musicista e grande admiradora de violino e conseqüentemente ao Método Suzuki.

Quando minha mãe decidiu que iria me matricular nas aulas de violino, atitude essa que acredito ter acontecido por que a Prefeitura de Paranaguá, na época oferecia esse curso gratuitamente, e posteriormente comecei a frequentar as aulas quando tinha cerca de nove anos de idade, tive meu primeiro contato com o Método Suzuki.

Apreendi a tocar minha primeira canção no violino, a segurá-lo (o instrumento e o arco), a apreciar canções que não estavam anteriormente no meu processo cultural, devido o fato de na minha família ser a única pessoa com um conhecimento digamos “teorizado de música”, e social, pois aulas de violino particulares ou até mesmo a compra de um instrumento desses, de acordo com minha classe social era e ainda é, algo caro, então, devo muito a minha mãe pela educação, perseverança e força que ela me ensinou a ter.

Aos 12 anos, por motivos de fragilidade econômica tranquei meu curso de violino, mas aquele sonho de um dia voltar a ter ensinamentos e aprendizados com o violino digamos que somente “adormeceu” em mim.

Hoje como mãe e como futura possível educadora me vejo no dever de transmitir esse processo de ensinamentos que tive na minha trajetória de vida com música a minha filha e aos meus possíveis alunos e pretendo também me especializar na área.

Acredito que música clássica, erudita ou de concerto não deve estar privatizada a uma pequena parte da população, pois assim como eu na infância humilde, outras crianças humildes também precisam conhecer e vivenciar experiências com esse estilo musical e o mediador e os pais não podem ser excludentes neste processo com a criança.

VAMOS FALAR SOBRE MÚSICA?

Passamos a vida inteira aprendendo e descobrindo coisas e assuntos novos.

Descobrimos-nos dia após dia. Revemos e construímos conceitos, opiniões e decisões ao longo da vida, mas ninguém nos ensina a ser mãe e mesmo se ensinassem de antemão, talvez o fato de passar pela experiência contenha mais aprendizados do que aprender uma teoria que naquele momento não faria sentido.

Ao descobrir a gestação, me vi na necessidade de aprender sobre aquela vida que estava sendo gerada e se desenvolvendo diariamente.

Um dos motivos desse interesse pelo desenvolvimento cognitivo do feto e da criança foi pelo fato de gostar de estudar sobre educação, psicologia e ensino musical e principalmente ter me tornado mãe onde foi uma das aventuras e aprendizados mais emocionantes da minha vida, pois pude aprender sobre uma teoria vivenciando sua aplicabilidade. Um dos outros motivos para essa curiosidade talvez venha de herança e exemplo materno também. Minha mãe é professora, então vê-la estudar ou ler seja uma prática comum a minha rotina. Além disso, estou estudando Artes na Universidade Federal do Paraná, então, as conversas cotidianas, a rotina diária, e minhas observações estão rodeadas pela área de educação.

Antes de ser mãe e de cursar uma faculdade, me relacionava e interagia com crianças por intuição e dependendo de cultura, classe econômica e status social, observava que havia conceitos e modos variados e distintos de educação dessas crianças, tanto do observador, no caso eu, quanto do observado, as crianças.

Segundo Fabio Zanon, deve-se levar em consideração o fato de que toda criança é diferente e se expressa e interpreta o mundo a sua volta com um olhar particular e possuem tempos de aprendizagem distintos umas das outras.

Segundo Sergio Molina o fato de termos um país miscigenado, com culturas indígenas, europeias e africanas obviamente faz com que tenhamos uma pluralidade de cultura e classes sociais e essa pluralidade consequentemente pode influenciar diretamente na educação.

Nessas distinções culturais, sociais e econômicas, a educação é algo que se transmite a criança, pois essa criança irá ensinar o que aprendeu ou lembra ter aprendido no percurso da vida, sendo a educação ou modo de educar algo, na

maioria das vezes, que a criança irá repetir ou imitar de uma pessoa próxima ou de quem tem mais contato.

Tendo esses conceitos como base, no meu segundo mês gestacional, fui a uma livraria e comprei um livro lindo, pois na capa dele havia ilustrado um bebê. Esse livro abordava assuntos relacionados a maternidade até a fase dos 2 anos da criança, se denominava A bíblia da gravidez.

Apaixonei-me pelas ilustrações, pela clareza que os autores explicavam aos leitores esse mundo tão novo e surpreendente da maternidade para mim.

Lendo o que estava acontecendo sobre aquela vida que eu estava gerando me deixava mais segura e atenta sobre o desenvolvimento do meu bebê. Uma prática que soou estranha para meus familiares, pois ler sobre isso para eles era considerado irrelevante já que a maternidade seria algo intuitivo e o percurso do desenvolvimento fetal para eles era algo trivial.

Esse desdém dos outros me deixava perplexa, pois para mim um feto é tão importante quanto uma criança, quanto um adolescente ou quanto um adulto.

Sobre o desenvolvimento fetal é incrível o tanto de capacidade, desenvolvimentos cognitivos, afetivos e crescimento que o feto desenvolve em um espaço de tempo considerado curto visto o tanto de informações e mudanças que esse feto irá desenvolver na jornada até o nascimento.

Alguns levam cerca de 40 semanas para nascerem, outros mais, outros nascem prematuros.

Os estudos e pesquisas relacionados às fases do feto que tem ligação com o desenvolvimento neurológico fetal em relação aos sons e com a música, nos dias de hoje, são impressionantes e hoje podemos ter mais dados e conhecimento sobre a gestação visto que os aparelhos e tecnologias se modernizaram e continuam se modernizando.

Hoje, de acordo com o Dr^o Taborda e D^a Deutsch sabe-se que com nove semanas (dois meses e uma semana), o feto está com os órgãos vitais formados e começando a funcionar e continuará em desenvolvimento até o nascimento. Com onze semanas (dois meses e três semanas) o feto sente as vibrações dos sons a sua volta, mas somente na 15^a semana (três meses e três semanas) é capaz de ouvir sons de fora do corpo da mãe. Com doze semanas (três meses) o sistema nervoso começa a funcionar praticando movimentos de inspiração e expiração e com quatorze semanas (três meses e duas semanas), esse sistema nervoso será

capaz de responder a estímulos do cérebro de modo que o feto consiga coordenar os movimentos.

Ainda de acordo com o Dr^o Taborda e D^a Deutsch na 18^a semana (quatro meses e duas semanas) as células nervosas dos sentidos- paladar, olfato, audição, visão e tato- começam a se desenvolver em determinadas zonas do cérebro e as complexas conexões para desenvolver memória e raciocínio estão em formação e após a 21^a semana (5 meses e uma semana) de vida a estimulação neurológica do feto já pode ser administrada com música, pois nessa fase os ossos do ouvido já endureceram, ou seja, nesta fase de desenvolvimento cognitivo o feto já percebe, relaciona o que está acontecendo a sua volta, pois já ouve sons e recebe estímulos cerebrais para isso. Sua audição já é suficiente para captar, reconhecer e distinguir os sons e ao nascer o bebê reconhecerá a voz materna e paterna pelo timbre e cadência, pois na maioria das vezes é o som que mais escuta.

Nesta fase da minha gestação, comecei a ter um ICH (Integração Cultural e Humanística), disciplina obrigatória na faculdade onde curso Arte de música, e toda quarta, as 08h30min da manhã, minha filha se mexia dentro de mim, parecia mesmo estar dançando diante daquela variedade sonora.

Contudo, segundo CAVALCANTE (2004, citado por NOGUEIRA) ao nascer, talvez o som que o recém-nascido mais goste de ouvir seja a pulsação do coração, o som que ele está mais familiarizado, desenvolvendo a afetividade humana.

Segundo o Dr^o Taborda e D^a Deutsch com vinte e quatro semanas (seis meses gestacionais), a pulsação do feto se acelera em relação aos sons, ele pode até mover-se ao ritmo de uma música e com vinte e sete semanas (seis meses e três semanas), o cérebro constrói conexões entre as células nervosas mais rapidamente. O feto está sensível á luz, ao som, aos sabores e aos aromas.

O aprendizado da criança, portanto, não começa desde seu nascimento, e sim bem antes disso. A criança passa por constantes estímulos e desenvolvimentos ainda no útero materno.

Hoje existem várias pesquisas relacionando o desenvolvimento do feto com a musicalização, com o diálogo e amor que são transmitidos dos pais ao feto.

Uma gestação saudável, calma, e com conhecimentos sobre desenvolvimento podem posteriormente possibilitar um bebê calmo e tranquilo ao nascer, pois durante a gestação teve todo o suporte e ambiente para tal desenvolvimento.

Segundo o dicionário HOUAISS (2002, pg. 989 citado por NOGUEIRA) desenvolvimento é “aumento de qualidades morais, psicológicas, intelectuais etc.”, e também “crescimento, progresso, adiantamento”.

Ao nascer, a criança irá se desenvolver até um dos pontos primordiais e um dos mais importantes de sua jornada na vida, aprender a andar e falar.

Shinichi Suzuki, importante pedagogo e violinista, responsável por uma das pesquisas mais importantes sobre ensino de violino á crianças a partir dos dois anos de idade com a teoria da linguagem materna, reforça que o desenvolvimento não acontece do nada, a criança precisa de estímulos e de amor durante todo seu processo de aprendizagem.

Para Suzuki... “Uma semente enterrada no solo não aparece, mas água, calor, luz e sombra agem como estímulos diários. Pouco a pouco acontece uma transformação invisível até que um broto aparece aos nossos olhos ” (SUZUKI, 1994, citado por GOMES 2015, [página](#)).

Outros importantes teóricos, pesquisadores e pensadores pioneiros no processo de desenvolvimento da linguagem e do pensamento infantil são Vygotsky e Piaget.

Segundo Suzuki, Vygotsky e Piaget, um dos desenvolvimentos mais incríveis de uma criança, é o aprendizado da língua materna, por volta dos dois anos de idade. Antes dessa idade, a criança começa por meio da observação, a olhar o adulto falando, mostrando a ele os sons dos objetos, de vozes diferentes e por volta dos dois anos de idade essa linguagem, principalmente a materna, penetra no subconsciente da criança e se constitui na estrutura do pensamento. Nessa fase, a linguagem já não servirá apenas para interação social e sim, como conhecimento de sua identidade.

Na música, Suzuki acreditava que o mesmo poderia acontecer. Pois a música se trata de uma linguagem que a criança irá desenvolver e ainda no útero, o feto poderá sentir as vibrações sonoras do instrumento, a carga emocional que a música irá proporcionar.

Ao nascer, terá contato visual e uma sonoridade mais apurada do instrumento, tendo os pais como exemplos para esse aprendizado, igualmente no processo da fala. Quando esse som e o instrumento forem algo familiar para a criança, ou seja, estiver em seu convívio, irá surgir o interesse e a curiosidade de aprender cada vez mais sobre o instrumento e nessa fase, o processo da criança

tocar sozinha pode ser administrado e quanto mais treinos e desafios novos forem oferecidos a essa criança, mais agilmente e facilmente ela irá se desafiar a tentar cada vez melhor, a incluir repertórios cada vez mais difíceis, igual acontece na linguagem.

Um dos princípios básicos da teoria de Vygotsky (1896-1934), é que a criança passa por dois tipos de desenvolvimento, a “zona de desenvolvimento próximo” onde a criança aprende por meio da observação e a “zona de desenvolvimento autossuficiente” onde a criança já passou da fase de observação e poderá começar a ser independente.

Para Suzuki, a criança não precisa saber ler partitura inicialmente, pois seria igual pedir a uma criança saber escrever antes de se expressar verbalmente. O processo de leitura musical acontece após ou juntamente com o método prático.

Segundo Vygotsky (1962, p.55) ...” um problema deve surgir, que não possa ser solucionado a não ser que pela formação de um novo conceito”, ou seja, a criança precisa ser motivada a aprender a falar. A fala virá de uma necessidade mais especializada e elaborada de expressão depois do choro.

Segundo Piaget (1896-1934), sobre o “autismo das crianças”, a concepção genética do pensamento considerado realista baseia-se na premissa da psicanálise segundo a qual o pensamento das crianças é original e naturalmente autista, visto que crianças não trabalham, e não agem e nem pensam de maneira mecânica igual a um adulto, e só se transforma em pensamento realista por efeito de uma longa e persistente pressão social e isso não desvaloriza a inteligência da criança.

Na minha experiência como mãe, estudante e educadora, após passar as fases de sonoridade, vibrações, emoções, ao processo de fala mais especializado, onde a criança se expressa e não só se comunica quando quer algo, por volta dos dois anos de idade, deixei meu violino e o arco perto o bastante para minha filha conseguir pegar. Ela passou o arco ao contrario no violino, na madeira do violino, no outro braço dela, na cômoda, menos nas cordas. Era a “fase autista”.

De acordo com Piaget (30, p.267) “A atividade lógica não esgota a inteligência”.

Aos dois anos e dez meses, essa “fase autista” aos poucos foi se tornando mais real, foi quando finalmente ela conseguia me acompanhar em canções, criar suas próprias canções e pegar e passar o arco nas cordas do violino, da maneira que eu estava fazendo.

Lembrando que, quando digo me acompanhar musicalmente me refiro a cantar músicas folclóricas, ela com a voz e eu com o violino, a ouvir os repertórios do método Suzuki, a dançar e cantar músicas populares, músicas de concerto e tentar oferecer a ela as mais diversas musicalizações existentes.

Segundo Bleuler, “a criança nunca entra em contato real e verdadeiro com as coisas, pois não trabalha, e sim brinca com as coisas, ou aceita-as como ponto assente”. (30)(30, p. 269).

Shinichi Suzuki (Nagoya, Japão 1898-1998), criador do Método Suzuki, cresceu com os instrumentos como brinquedos, pois sua família possuía uma empresa de construção de samisens (instrumento musical de 3 cordas) e sua aprendizagem em relação ao instrumento foi passado de pai para filho. (EVELYN HERMANN¹, 2003 citado por TAMMY DE OLIVEIRA, 2007).

Quando tem seu primeiro filho, Shinichi fomenta a pergunta que se tornaria fonte de um dos seus principais trabalhos: Como ensinar violino a uma criança? (EVELYN HERMANN¹, 2003 citado por TAMMY DE OLIVEIRA, 2007).

Segundo GOMES (2015), o Método Suzuki, criado pouco tempo depois da Segunda Guerra Mundial pelo violinista e pedagogo Shinichi Suzuki, no Japão, tem o intuito de inserir o jovem na iniciação à música e sua filosofia consiste no ensinamento do método semelhante ao aprendizado da criança a língua materna, ou seja, por fases de desenvolvimento, treinamento e aptidão da criança.

Para Suzuki, o ambiente que rodeia a criança define o essencial da aprendizagem, uma vez que o talento e a capacidade musical não são herdados, mas sim um resultado desse ambiente e educação que é dado à criança. (SUZUKI¹, 1983 citado por SOFIA MARGARIDA E. GOMES, 2015).

Segundo GOMES (2015), para Suzuki, este Método pode ser aplicado para qualquer outra área do conhecimento e em qualquer faixa etária, visto que acreditava que toda criança tem a capacidade de aprender, assim como os pais tem de ensinar.

Quando um pai diz que seu filho não tem talento, é o mesmo que admitir que não o educou o suficiente para desenvolver as suas capacidades. (SUZUKI, 1981 citado por GOMES, 2015).

A filosofia da linguagem materna é resumidamente a repetição, os pais como fontes de exemplo, ou seja, essa criança precisa de um exemplo áudio/visual para aprimorar seu talento, dedicação e amor.

Segundo Gomes (2015), para Suzuki, assim como a criança aprende a língua materna com sucesso, essa criança poderia aprender a tocar violino usando os mesmos princípios, fazendo um paralelismo entre as duas linguagens, uma usando a voz, e a outra o instrumento como fonte sonora.

Para SAA (2003, citado por GOMES, 2015), uma das maiores qualidades nas crianças é a audição, pois nessa fase está sensível e apurada assim como sua capacidade de imitação e repetição.

De acordo com Vygotsky (citado por NELSON JAHR GARCIA) é a partir dos dois anos que a linguagem penetra no subconsciente da criança para se constituir na estrutura do pensamento, antes dos dois anos, a criança pensa, mas esse pensamento não é verbal e a linguagem não é intelectual. O que definirá seu pensamento será o “produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade” (LURIA 1976, citado por VYGOTSKY).

Para Murray Thomas (1993, citado por VYGOTSKY) no processo de linguagem a criança aprende a pensar, visto que o pensamento é transmitido à criança através de palavras.

De acordo com Vygotsky (1978, pg. 12) ... “A criança desenvolve seu intelecto dentro da intelectualidade daqueles que o cercam”.

Nos estudos de Piaget as crianças têm o pensamento mais qualitativo e os adultos tem pensamentos mais quantitativos.

Em seus estudos, Piaget menciona o fato da criança passar por dois processos de pensamento. O “pensamento autista”, sendo esse subconsciente e individual que obedece a um conjunto de leis próprias. E “pensamento orientado”, sendo social e consciente influenciado pelas leis da experiência e da lógica.

A partir destas experiências relatadas de mãe, e estudante do Método Suzuki de violino, foi elaborado um projeto docente de aplicação destes conhecimentos para crianças e fui voluntária no Projeto de Extensão “Conhecendo e Vivenciando as Artes Visual”, da UFPR Setor Litoral.

O Projeto de Extensão “Conhecendo e Vivenciando as Artes Visuais” está no seu terceiro ano de atuação. Os objetivos do projeto são o de estimular o desenvolvimento artístico e cultural local, contribuindo para o fortalecimento do conhecimento, da apreciação e da crítica sobre as Artes Visuais. Através do planejamento e execução de ações educativas não formais, o projeto possibilita um leque de oportunidades de formação específica, através de experiências de

docência, aos alunos do curso de Licenciatura em Artes, ademais de propiciar ao público participante a oportunidade de novos conhecimentos e do desenvolvimento criativos desde as artes.

Neste ano de 2018, o Projeto “Vivenciando e Conhecendo as Artes Visuais”, tem possibilitado a socialização dos conhecimentos e das experiências adquiridas, contribuindo notavelmente para o fortalecimento da integração entre ensino, pesquisa e extensão.

O Projeto é oferecido a crianças de quatro a sete anos de idade que acontecem na sala 13b na Universidade Federal do Paraná, das 09h00min horas até as 11h00min da manhã coordenada pela minha orientadora de graduação Carla Ruschmann.

Como o horário era reservado integralmente para a prática das Artes Visuais, reservamos (eu e minha coordenadora) o horário das 09h00min às 10h00min para os desenhos e pinturas e das 10h00min as 11h00min para a musicalização toda quarta-feira nos dias de 07/03/2018 a 25/04/2018.

Antes de entrar em sala de aula, tive como base bibliográfica o texto Música na Escola (2012), que traz consigo a Lei nº 11.769 que aborda que a função da música na Escola é de amadurecer as questões históricas, cognitivas, conceituais, físicas e sociológicas e também visa uma educação musical adequada as crianças.

Segundo Nogueira, seriam músicas adequadas às crianças aquelas que promovem o crescimento por sua diversidade de ritmos, gêneros, arranjos, preocupação com letra que transite entre popular, erudita e folclórica e que o professor não se deve deixar conduzir pelo...” lixo que a indústria cultural lhes reserva”. (NOGUEIRA p 116).

Para Nogueira, ceder a isso seria “falsamente democrático, pois com isso apenas reforçar o fosso que já separa aqueles que nasceram em famílias com maior capital cultural”. (NOGUEIRA, pg. 116).

Sabe-se que há questões filosóficas sobre o termo “lixo”, mas acredito que Nogueira se referiu a um gosto prévio da criança, sem que o mediador ou responsável a questione ou lhe de um leque de tantos outros estilos musicais.

Por isso, segundo Marcos Puppo Nogueira, o ensino na música precisa ser complexo e que deixar o aluno aprender que algum gênero musical é inferior, seria reforçar o preconceito, o desrespeito e estigmatizar o aluno.

Segundo Fabio Zanon, o universo musical de cada criança é bem diferente.

2.1 AULAS

No primeiro dia de aula, queria conhecer as crianças e observar qual o ponto de vista delas em relação à música, em relação a estar em coletividade com crianças de 4 a 7 anos, ou seja, estar em contato com crianças de diferente faixa etária, ideologia, e classe social.

Tivemos uma roda de conversa sobre instrumentos e o ponto de vista deles em relação ao violino, para depois pensar e repensar e mudar o repertório, caso houvesse necessidade, que iria apresentar a elas, pois inicialmente, iria trabalhar apenas com o repertório Suzuki volume I.

Nenhum dos alunos havia visto ou tocado em um violino. Os instrumentos que eles conheciam eram flauta e violão. Percebi que eles tinham conceitos básicos de música, quanto tempo, duração (mas não sabiam a denominação das notas: semibreve, mínima, semínima, etc. ou o tempo delas: quatro, dois, um respectivamente) sabiam a escala musical de uma maneira “decorada”, pois quando pedi para fazermos a escala descendente (dó, si, lá, sol, fá, mi ré, dó) eles não sabiam responder, desenharam no quadro os instrumentos que mais gostavam as notas que sabiam desenhar (mas sem saber nomeá-las). O primeiro momento foi impactante para mim, pois fui com uma proposta, a de mediar o conhecimento com o violino, mas eles (principalmente as crianças maiores, de sete anos) já tinham um gosto prévio e aparentemente não haviam se entusiasmado com a proposta de pegar, observar o violino. A aceitação quanto a proposta de aprender sobre o violino, pelo menos ali naquele primeiro momento, das crianças menores (quatro, cinco e seis anos) parecia ser mais condescendente, talvez pelo motivo de ainda não ter o gosto prévio de um instrumento em específico.

Neste dia, percebi um distanciamento das minhas leituras quanto ao Método e minha prática naquele ambiente de educação não formal, pelo fato dos alunos não terem o conhecimento prévio vindo dos pais sobre o violino, mas por outro lado, eles tinham noções básicas de música e a maioria estava disposta a aprender.

No segundo dia de aula, houve a apreciação do violino. Neste dia eles puderam manusear o instrumento e o arco, ouvir sua sonoridade, e expliquei a função do breu e os alunos puderam passa-lo no arco. O que não ajudou foi o tamanho do violino visto que o meu é um violino para adulto, tamanho 4/4 e para

eles ficou desproporcional e conversamos a respeito disso. Achei interessante o envolvimento dos pais com as crianças, e das crianças e pais comigo. Pois outro ponto importante seria a triangulação Suzuki. Antes das mediações começarem e no final, quando os pais iam buscar as crianças, tínhamos um tempo para conversar como havia sido a aula (no final) e como tinha sido a rotina das crianças antes delas entrarem na sala (no começo).

Deixando claro, que meu intuito não era ensinar as crianças a serem violinistas, pois ao contrário do Método Suzuki, a criança precisa ter pais que incentivem e/ou toquem o instrumento e esse desenvolvimento musical precisa ser oferecido à criança desde seu nascimento, a criança precisa ter familiaridade com o instrumento, não que esse aprendizado não possa ser feito a crianças maiores, pois o Método Suzuki pode ser ensinado tanto a crianças quanto a idosos.

Percebendo o distanciamento e falta de familiaridade das crianças quanto ao instrumento, meu objetivo acabou sendo proporcionar as crianças uma vivência com o instrumento, sua sonoridade, história, com as características dos sons, expressividade, o amor e o respeito, e o repertório Suzuki acabou sendo deixado de lado ao invés de ser um tema principal. Nas aulas houve também a aplicabilidade de algumas de suas filosofias, principalmente a de que qualquer criança é capaz de aprender e que a educação precisa ser feita com amor, dedicação e estar envolvida na triangulação Suzuki (pais, alunos e professores), pois embora os pais não estivessem presentes nas aulas, percebia o quanto estavam envolvidos na educação delas.

Lembrando que o conceito de aprender, na educação, pode ser algo considerado relativo.

Segundo Nogueira..." O objetivo primordial da educação musical na infância é formar bons ouvintes, bons apreciadores de música". (NOGUEIRA pg. 114). O que também acaba sendo relativo.

Na terceira semana de aula, eles estavam ansiosos por desenhar e pintar, pois era para isso que eles estavam lá, para vivenciar e conhecer as artes visuais, por isso não quis interromper aquele momento, então meu papel como educadora musical foi de oferecer música a eles por meio do Spotify (aplicativo de música) do celular conectado a caixinha de som. Digitei na pesquisa do aplicativo "violin cover" e deixei tocar enquanto eles pintavam e desenhavam como fundo musical.

Segundo Lavasov, cientista búlgaro, ao mesmo tempo em que a música possibilita diversos estímulos, com a música clássica lenta a criança passa do nível alfa (alerta) para um nível beta (relaxado, mas atento) sendo um processo que facilita a concentração e a aprendizagem. (Apud OSTRANDER e SCHOEDER, 1978, citado por NOGUEIRA pg. 110).

Para Suzuki, esse seria o primeiro passo para a aprendizagem da linguagem materna, primeiramente treinar o ouvido.

Esse processo de ouvir música durante as pinturas funcionou no contexto de deixar as crianças calmas, relaxadas e atentas ao que estavam produzindo nos desenhos e houve uma grande diferença do segundo dia, em relação ao comportamento e disciplina, para o terceiro dia enquanto havia o fundo musical, então nos dias seguintes iríamos (eu e mais três voluntários que estavam ajudando com o projeto) incorporar esse ato de ouvir música enquanto eles desenhavam.

No quarto dia de aula apresentei a eles a música “Minha Canção” de L. Enriquez traduzido e adaptado por Chico Buarque.

Neste dia houve a apresentação do ritmo, da escala musical, da sonoridade do instrumento, da afetividade com a música, do coletivismo, pois eles cantaram juntos e se ajudavam. Alguns tiveram a autonomia de cantar em solo a música enquanto eu tocava.

A maioria já conhecia a escala musical em dó maior, o desafio foi entoar a letra da música no ritmo, fazer uma junção da sequência da escala musical com a letra da música e um desafio ainda maior foi fazer a escala musical em dó menor.

Segundo Suzuki, a criança aprende praticando. Exemplificar ou explicar com bibliografias se faz desnecessário a criança, então foi a maneira mais rápida e simples que encontrei de apresentar algumas das características de teoria musical.

No quinto dia, as crianças aparentavam estar cansadas, cogitei a ideia de levantar e eles perguntaram se podiam permanecer sentados. Então, o plano da aula que tinha pensado teria que ficar para outro dia. Neste dia então, fizemos uma atividade de ritmo e som, onde eles teriam que inventar um ritmo de até sete tempos com o som que eles quisessem, e depois escrever no quadro com figuras esses ritmos e sons, por exemplo, palmas, iriam ter um tempo e um desenho que a criança iria construir. Todos foram participativos.

No sexto dia, foi um dia chuvoso e por questões de segurança preferi deixar o violino em casa, por medo que molhasse, então acredito que devido a chuva nesse

dia foram poucas crianças. Ficou acordado com as crianças que só iríamos desenhar e sentei para desenhar com elas. Neste dia, o processo de imitação, tão discutido nas teorias de Suzuki, ficou bem óbvio para mim. As crianças queriam desenhar igual ao desenho que eu tinha feito, foi uma troca de conhecimentos bem ampla para mim.

No sétimo dia juntamos o desenho com a música do repertório Suzuki. Disse a eles que eu iria tocar as músicas e quando eles gostassem de alguma canção fizessem um desenho do que a música os fazia sentir ou lembrar.

No oitavo dia e último dia, aprendemos a música “Epo etata e”. Outra vez o processo de aprendizagem com a imitação, defendido por Suzuki. Com esta aula o objetivo era aprender ritmo sendo ele lento ou rápido, de fazer as crianças se movimentarem e de descontração.

Suzuki não trabalha com especificidade o ritmo, o solfejo, a improvisação, o movimento corporal, a voz falada e muito menos a cantada, diferentemente dos processos de musicalização de Dalcroze, Kodaly, Willems e Orff.

Mas como mencionei não estava ali para impor um método que eu via como mais importante ou formar musicistas ou violinistas, meu objetivo básico era construir com os alunos um afeto em relação à música e ao violino, sem impor ou ditar algo. Então, no projeto, acredito que apliquei somente as filosofias essenciais de Suzuki que envolvem a música como aprendizado da língua materna, a fé, a autodisciplina, a repetição, paciência, perseverança e principalmente amor.

Ter um pouco de conhecimento sobre as crianças me ajudou a observar quais foram seus desenvolvimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo com este artigo de relato de experiência que a educação musical precisa ter de alicerce os responsáveis pela criança, para posteriormente poder efetivar as teorias de Shinichi Suzuki de uma triangulação no processo de educação musical, seja ela aplicada com o violino ou com qualquer outro instrumento, na aplicação de sua filosofia de que toda e qualquer criança é capaz de aprender se oferecido ambiente e acompanhamentos primordiais para seu crescimento intelectual, emocional, social e econômico e seu objetivo de apreciação, ensinamento, adaptação e aptidão para educação do talento nas mais diversas áreas do conhecimento com a aplicação de sua pesquisa e estudos da linguagem materna. Concluo também que a música na Escola precisa ser oferecida a criança com o intuito de reconhecer a diversidade de estilos musicais e conseqüentemente o mediador precisa respeitar e incentivar a diversidade musical de seus estudantes, pois cada um terá no seu contexto familiar, social e cultural essa pluralidade musical, cabe ao mediador não ser excludente neste processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Drº TABORDA,W; DRª DEUTSCH, A D´A. A bíblia da gravidez. Ed. CMS. 3ª ed. São Paulo. 2011.

GOMES S. M.E. "**Antes da estrelinha brilhar**": abordagem preparatória ao volume I do Método Suzuki para violoncelo em crianças entre os 3 e os 5 anos. Lisboa. 2005.

JORDÃO, G; ALUCCI, R.R; MOLINA, S; TEREHATA, A.M. A música na Escola. São Paulo. Ministério da Cultura e Vale. 2012.

SOARES T.de O. C. **O violino**: sua origem, principais construtores e uma visão contemporânea por Leandro Mombach. Florianópolis. 2007.

TRINDADE A.S.M da S. A Iniciação em violino e a introdução ao Método Suzuki em Portugal. Portugal. 2010.

VYGOTSKY L.S. Pensamento e Linguagem. (1896-1934) Ed. Ridendo Castigat Mores.